

DEPOIMENTO

Claudio Artur O. Rei

Doutor e mestre em Língua Portuguesa pela UERJ, instituição na qual também cursou a graduação e a especialização. Professor do Ensino Médio desde 1990, na rede particular, professor do Ensino Fundamental desde 1994, na rede pública, e professor do Ensino Superior, na Universidade Estácio de Sá, de 2000 até 2017, com a função de professor adjunto. Desenvolve pesquisas na área de Estilística, com subsídios em Semântica e Semiótica voltada para uma modalidade funcional em que se discutem as escolhas lexicais, a partir das variantes eleitas a serem aplicadas. Participa, também, de congressos, nacionais e internacionais, nos quais expõe seus trabalhos e resultados de suas pesquisas. Também acumulou a função de coordenador do curso de Letras, na UNESA, por seis anos, de 2010 a 2016. Membro do Grupo de Pesquisa SELEPROT — Semiótica, Leitura e Produção de Texto da UERJ.

Concluí minha graduação em 1989 e retornei à UERJ, para dar continuidade aos estudos, em 1996. Nesse íterim, a professora Darcilia entrou para a UERJ e era a coordenadora do Curso de Especialização em Língua Portuguesa. Identifiquei-me, de imediato, com sua dinâmica de sala de aula, para que os alunos pudessem acompanhar as novidades apresentadas, e com seu constante interesse em observar a absorção desses nossos novos conhecimentos.

Escolhi-a como orientadora, portanto! Ao longo de sua orientação, Darcilia foi descortinando a Estilística, e meus olhos começaram a vislumbrar um mundo novo, na perspectiva dos estudos linguísticos. Quando saiu o resultado da monografia, havia um parecer equalitário

nas duas bandejas da balança: por um lado, o elogio pelo amadurecimento científico, pela verve de pesquisador e pela demonstração de uma forte sensibilidade linguístico-literária; por outro lado, um amor desmedido ao corpus eleito que acabou por inibir uma análise mais centrada e menos emotiva, nada que boas leituras e disciplina acadêmica não resolvessem.

Em 1999, quando ingressei no Mestrado, a professora Darcilia já tinha sido eleita como minha orientadora. Porém, o inesperado aconteceu: um mês depois de iniciadas as aulas, minha mãe faleceu abruptamente, aos 51 anos de idade. Na época, Darcilia também trabalhava em outra instituição acadêmica, fui procurá-la, para agradecer por tudo e para dizer que eu estava sem condições de continuar no programa de Mestrado. Ela me ouviu, com toda calma, depois me disse: “Tenho duas filhas, uma veterinária e uma advogada, e gostaria muito que elas dessem continuidade aos seus estudos. Caso eu parta, no momento em que elas estejam cursando, e elas desistam por causa de minha partida, isso não vai trazer qualquer alegria ao meu espírito. Não dê esse desassossego ao espírito de sua mãe”. Findas essas palavras, eu caí num pranto que não conseguia parar. Darcilia saiu do outro lado da mesa, sentou-se ao meu lado,

abraçou-me e permitiu que eu chorasse o quanto quisesse em seu colo. A partir desse dia, o olhar mudou, não era mais uma orientadora: era a mulher que viria substituir a mãe e a madrastra que me cobraria, dali por diante.

No Doutorado, as relações estavam mais estreitas, e, devido ao *status quo* acadêmico, começamos as parcerias em coautoria, as participações em mesas-redondas, as viagens para congresso, as acolhidas fora do meio acadêmico, ou seja, ela abriu as portas de sua própria casa; enfim, minha gratidão é imensa e, como disse, nas homenagens especiais de minha tese: “amor seria um hipônimo do que eu sinto por você”. Muito obrigado por tudo!